

---

- **GRAMÁTICA V**

**Coordenador(a): Albano Dalla Pria**

---

## **A DESCRIÇÃO FUNCIONAL DO PERÍODO NA ANÁLISE DE TEXTO**

*Nina Célia Almeida de Barros (UFMS)*

O objetivo geral deste trabalho é associar a análise funcional do período ao modo de organização textual. São tomados como referência Halliday e Matthiessen (2004) e Martin, Matthiessen e Painter (1997). Para analisar o texto, parte-se da delimitação das orações em termos de suas relações lógico-semânticas, que incluem o processo de expansão (ex.: justaposição, adição, causa) e de projeção (ex: citação. Faz-se, a seguir, um paralelo entre os diferentes tipos de conexões oracionais e o sistema de transitividade da oração. As possibilidades de combinação entre processos e transitividade variam de acordo com os modos de organização textual, como os narrativos, descritivos, argumentativos, injuntivos. Usando diferentes textos, explicitam-se essas combinações.

## **A ESTRUTURA CORRELATIVA “TANTO...QUE” DE UMA PERSPECTIVA MULTISSISTÊMICA**

*Marcelo Módolo (UNICAMP)*

As gramáticas do português costumam definir a coordenação como a relação sintática entre duas sentenças independentes e a subordinação como a relação sintática em que uma sentença subordinada completa o sentido de uma outra, chamada matriz. Com efeito, definições como

essas são precárias, quando aplicadas à prática de análise. O mesmo acontece na classificação dos pares correlativos, que são classificados tradicionalmente entre as coordenadas e as subordinadas.

Proposta mais coerente é substituir a dicotomia coordenação e subordinação por um continuum, como boa parte da literatura sobre combinação de orações tem proposto. Nesse sentido, a correlação é entendida como uma etapa intermediária recortando esse continuum e dividindo propriedades ora com as coordenadas, ora com as subordinadas.

Nessa apresentação, meu objetivo é mostrar a correlação como um conjunto de propriedades encontráveis no sistema discursivo, no sistema gramatical e no sistema semântico, restringindo-me, aqui, à formação do par correlativo consecutivo “tanto...que”. Para tanto, assumo o quadro teórico que vem sendo desenvolvido em pesquisas recentes por Ataliba T. de Castilho - mormente em “Reflexões sobre a teoria da gramaticalização. Contribuição ao debate sobre a teoria da gramaticalização no contexto do PHPB” (Dietrich e Noll 2004, org.) - e analiso o par em questão qualitativamente, tendo por base amostras do exemplário retirado de textos jornalísticos, produzidos no século XIX: “Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores” (Barbosa e Lopes 2004, ed.) e “E os preços eram commodos: anúncios de jornais brasileiros do século XIX” (Guedes e Berlinck 2000, org.)

## **A INTERFACE MORFOSSINTAXE/ DISCURSO EM UMA LÍNGUA AFRICANA E BRASILEIRA: IBIBIO E TAPIRAPÉ**

*Marcia Santos Duarte de Oliveira (USP)*

A focalização por meio da morfologia verbal foi tipologicamente exposta através da noção de foco auxiliar de Hyman & Watters (1984, doravante, H&W). Os autores alargaram o escopo do estudo de algumas das categorias descobertas em línguas bantóide, de Camarões, incluindo exemplos de línguas da família Benue-Congo. Essa comparação produziu análises relacionadas à extensão de foco com categorias tempo, aspecto e modo. H&W abriram o caminho para se considerar esse fenômeno como um dos traços areais mais interessantes da lingüística africana. Oliveira (2004) demonstra que *ibibio* (uma língua nigeriana) exhibe foco auxiliar em seu sistema temporal e aspectual. Neste trabalho, nosso objetivo é comparar a morfologia verbal da língua africana *ibibio*, relacionada a foco auxiliar, com a morfologia verbal da língua indígena *tapirapé* - família Tupi-Guaraní. O *tapirapé* possui uma construção gramatical tradicionalmente conhecida por modo circunstancial ou indicativo II que se comporta de modo diferente de outro predicado independente, denominado indicativo I. Elementos dêiticos quando vão para a periferia à esquerda ativam o Indicativo II nessa língua. Nossa hipótese é que a marcação de modo em *tapirapé* está relacionada à noção de foco auxiliar, tal como ocorre em *ibibio* e em outras línguas africanas em que a morfologia verbal aponta para a interface entre a morfossintaxe e o discurso.

## **DESCRIÇÃO DO FEIXE SEGMENTAL DOS SEGMENTOS DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB/LIBRAS)**

*Andre Nogueira Xavier (USP)*

O objetivo desta comunicação é descrever os traços segmentais que formam os segmentos dos sinais da língua de sinais brasileira (LSB/LIBRAS). Essa descrição vai ser feita, tomando como base o modelo fonológico desenvolvido por Liddell & Johnson (1989) para descrever e representar a organização interna dos itens lexicais da língua de sinais americana (ASL). Esse modelo se diferencia de propostas anteriores (Stokoe (1960, 1965); Battison (1978); Klima & Bellugi (1979)) por duas importantes razões: (i) por reconhecer o papel da seqüencialidade na realização dos

sinais e explicá-la com base na estrutura segmental desses sinais; (ii) por reanalisar a simultaneidade como forma de organização dos segmentos constitutivos do sinal e não do sinal como um todo. Nesse sentido, semelhantemente às palavras das línguas orais, os sinais são vistos como um conjunto de segmentos realizados seqüencialmente e cada segmento como um conjunto de traços articulados de forma simultânea. Para descrever os dois tipos de segmentos (movimentos e suspensões) que propuseram para as línguas de sinais, Liddell & Johnson usam matrizes compostas de duas classes de traços, a saber, traços segmentais e traços articulatórios. Os primeiros são responsáveis por determinar a atividade da mão, ou seja, se ela está parada ou se ela está se movendo e como está se movendo. Os segundos têm a função de descrever a postura da mão, isto é, a configuração, a localização e a orientação que esta apresenta quando da realização de uma dessas atividades.

## **E AS PROPAROXÍTONAS?**

*Gabriel Antunes de Araujo*

O objetivo desta apresentação é mostrar como as palavras proparoxítonas têm sido tratadas nos trabalhos que discutam o acento primário no português do Brasil. Mostrarei que as proparoxítonas (ou palavras que recebem o acento na antepenúltima sílaba, contando-se da direita para a esquerda) pertencem à gramática do português, mas são freqüentemente desconsideradas ou rejeitadas nas análises, por uma série de razões. O principal argumento utilizado para a deslegitimação das proparoxítonas baseia-se no processo de síncope que altera o acento antepenúltimo para penúltimo, com o apagamento da vogal pós-tônica, como mostrado em (1).

- |     |         |        |               |
|-----|---------|--------|---------------|
| (1) | abóbora | abóbra | cf. abobrinha |
|     | árvore  | árvre  | cf. arvrinha  |
|     | fósforo | fósfro |               |
|     | xícara  | xícra  | cf. xicrinha  |
|     | chácara | chácra | cf. chacrinha |
|     | óculos  | óculos | cf. oclinhos  |
|     | córrego | córgo  | cf. corguinho |

Alguns autores até mesmo sugerem que as formas proparoxítonas são mantidas no português padrão através da pressão da gramática normativa. Ademais, as proparoxítonas têm sido descritas como oriundas do vocabulário técnico-científico e, portanto, ausente da fala popular. (Discutirei o comportamento de proparoxítonas “eruditas” e “comuns”). Mostrarei, no entanto, que algumas palavras, como em (2), não sofrem síncope.

- |     |         |                 |                  |
|-----|---------|-----------------|------------------|
| (2) | médico  | *médcó          |                  |
|     | cândida | *cânda, *cândda | “água sanitária” |
|     | rápido  | *rapdo          |                  |

Nessa apresentação, discutirei a motivação para a ocorrência de síncope nas proparoxítonas, defendendo que restrições relativas à boa-formação da sílaba são fundamentais para entendermos o processo. Além disso, argumentarei que qualquer teoria sobre o acento deverá, necessariamente, levar em consideração a existência das palavras proparoxítonas.

## **O ADJETIVO NA REDE WORDNET.BR**

*Albano Dalla Pria (UNEMAT)*

É cada vez maior a demanda de conhecimento lexical lingüisticamente sistematizado e formalmente representado para integrar sistemas de Processamento Automático de Línguas Naturais

(PLN). Este trabalho, que se insere no âmbito de pesquisas interdisciplinares envolvendo Linguística e PLN, propõe uma divisão dos adjetivos em: intersectivos, subjectivos e não-predicativos. Essa divisão deverá contribuir para a especificação lingüístico-computacional de significativa parcela da classe dos adjetivos e para a simulação dos processos de sua organização e interpretação na base da rede léxico-semântica e lógico-conceptual Wordnet.Br. Esse conhecimento também poderá contribuir para o desenvolvimento de outros sistemas de PLN, por exemplo, sistemas de tradução automática e de sumarização automática, que auxiliem seus usuários na produção e interpretação de textos em língua portuguesa.

### **O PADRÃO TONAL DO VERBO NA LÍNGUA BALANTA**

*Cleonice Candida Gomes (USP)*

Este trabalho apresenta uma proposta de análise para o tom do verbo em balanta com base na fonologia auto-segmental, proposta por Goldsmith (1976).

O balanta é uma língua falada entre Casamansa, sul do Senegal, e o rio Geba, norte de Guiné-Bissau (cf. Wilson, 1989: 88). A língua balanta pertence à família Atlântica do tronco Níger-Congo, que possui como línguas mais faladas: o fula, wolof, diola, serer, temne; e se encontra no braço do norte, no grupo denominado Bak, juntamente com o diola, o manjaco, o mancanha e o papel (cf. Wilson, op. cit.).

Os tons, nesta língua, juntamente com outros morfemas, distinguem orações afirmativas e orações negativas, os aspectos acabado e inacabado, e o hipotético (cf. N<sup>o</sup>Diaye-Corréard, 1970). Até o presente tal fato foi apenas apontado, mas nenhuma análise para o tom foi proposta (cf. Doneux, 1967).

Este estudo faz parte de uma proposta maior que está sendo desenvolvida no projeto de doutorado “para uma análise da estrutura oracional em balanta”. Compreender bem o papel do tom na morfologia do verbo em balanta é de suma importância para determinar a estrutura da oração nesta língua.